

Web TV local/regional em Portugal: Que alternativa à TV?

Francisco Rui Cádima*

Resumo

Neste artigo faz-se uma reflexão em torno da emergência de projectos de Web TV em Portugal, sobretudo direccionados para os planos local e regional. Parte-se da ideia de que se está a atravessar uma fase de fim de ciclo da televisão clássica, assente num modelo mimético oligopolista, redutor da experiência democrática, e equacionam-se as novas práticas no plano dos novos *media* colaborativos e/ou de proximidade, procurando-se uma primeira identificação, uma “ecografia” de um novo modelo comunicacional emergente, resultante do aparecimento de largas dezenas de “canais” de Web TV em Portugal nos últimos anos.

Palavras-chave: Cidadania, Internet, novos *media*, pós-televisão, Web TV

“Se um puto cigano vê sempre os ciganos na televisão a vender na feira, por que é que se há-de esforçar?”

Ângelo Torres (actor), Pública, 13/07/2008

Face ao contínuo declínio do sistema de *media* clássico, os “novos *media*” emergentes configuram-se como potenciais embriões de um sistema de comunicação alternativo, ele próprio plenamente ajustado às novas formas de democracia deliberativa em expansão, que constituirão, no médio prazo, uma evolução que se desejaria “normal” relativamente aos actuais limites e bloqueios das democracias representativas no âmbito da sociedade em rede e da globalização.

Neste contexto, refira-se que o uso da expressão “sistema de *media*” não pretende cobrir a realidade dos diferentes *media* e as suas discursividades, mas sobretudo os modelos político, estratégico e de regulação que estão *ex-ante* e que, de certo modo, controlam os *media* no seu conjunto e lhes dão as “bairas”, bem como todo o normativo jurídico-político, o qual funciona mais como um redutor dos novos sistemas do que propriamente como um catalisador de novas experiências de cidadania no plano comunicacional.

Repare-se que a Internet é, ainda hoje, um sistema cuja complexidade “política” excede em muito a sua lógica – simples e funcional – e a sua “inteligência colectiva”

* Departamento de Ciências da Comunicação (FCSH-UNL) | frcadima@fesh.unl.pt

– descentralizada, pulverizada. A grande “rede aberta” é alvo constante de ataques e tentativas de controlo tradicionalmente vindas dos grandes conglomerados que dominam, no plano global, parte importante dos sistemas políticos, de *media* e, sobretudo, de comunicações¹. Mas a verdade é que, como dizia Dan Gillmor, o “DNA” da Internet é, claramente, o contrário de tudo isso.

Nesta reflexão vamos procurar fazer um ponto de situação relativamente às mais recentes tendências de evolução da rede, em Portugal, designadamente no domínio da utilização da experiência “televisiva” em ambientes Web, centrando essa análise particularmente no domínio da Web TV e das novas experiências híbridas, ou não (no caso da Mobile TV ou mesmo da Digital Terrestre), a que este fenómeno possa estar associado.

Estando o modelo televisivo clássico em declínio, isto é, estando nós, em Portugal, a atravessar agora uma fase de fechamento progressivo – ainda que eventualmente lento –, do ciclo de cerca de 50 anos de televisão monológica, institucional, de reduzida proximidade face à experiência da cidadania e de acentuada tendência terceiro-mundista – cuja monocultura dominante tem sido em boa parte de tipo telenovelístico –, há que dar atenção a alguns sinais de mudança, ainda que esses sinais não passem, nalguns casos, paradoxalmente, da reprodução mimética dos velhos contextos num ambiente tecnológico claramente diferente.

De qualquer modo, os novos fenómenos da cibercidadania – dos *bloggers* ao *video podcast*, das redes sociais às Web TV – inserem-se num plano diferente, que podemos associar ao âmbito dos *media* participativos e colaborativos, ou seja, no quadro de uma outra visão do mundo mais consequente com a defesa da integridade da natureza humana face à lógica (cega) da eficácia, para relembrar Miguel Torga.

Vejamos então o nosso tema aqui proposto. Repare-se, desde logo, que as Web TV regionais, ou locais, podem ser entendidas, em primeiro lugar, como uma emergência tardia das televisões locais hertzianas que nunca tivemos nas nossas regiões ou comunidades locais, em Portugal.

A origem do facto de nunca termos tido televisões locais em Portugal não pode ser imputada à sociedade civil, por assim dizer, mas antes ao sistema político. De facto, ao contrário da vizinha Espanha (onde as comunidades locais sempre tiveram as suas televisões locais), os sucessivos governos portugueses nunca permitiram, por lei (argumentando razões no âmbito da falta de espectro), que fossem criados esses projectos, tal como sucedeu na imprensa e na rádio, tendo reprimido os potenciais candidatos e projectos disponíveis para o fazer – sobretudo nos anos 80, antes da liberalização da lei da televisão.

O facto de Portugal não ter tido, ou melhor, de não ter podido ter projectos de televisão local, configura, historicamente, uma situação de grave défice democrático do nosso sistema de comunicação social no pós-25 de Abril, que aliás, permanece,

¹Veja-se a carta de Vint Cerf ao Committee on Energy and Commerce da U.S. House of Representatives, a propósito da “network neutrality”: “Vint Cerf speaks out on net neutrality”, com data de 8 de Novembro de 2005, em <http://googleblog.blogspot.com/2005/11/vint-cerf-speaks-out-on-net-neutrality.html>

hoje ainda. Esse impedimento só será superado após a implementação da televisão digital terrestre, onde esse tipo de canais passará a ser permitido. Mas é evidente que também temos que considerar neste “défice” a própria inércia das forças vivas e do poder económico nas diferentes comunidades locais, tal como apontava Pedro Coelho: “A falta de uma vontade política forte que associe o país às televisões de proximidade tem sido, ao longo da história, amparada pela inexistência de uma presença social reivindicativa, por parte das comunidades regionais, de televisões próprias”².

Pode então dizer-se que, de certo modo, foi a Internet que veio permitir o desbloqueamento dessa proibição (e por que não dizê-lo, dessa censura), sobretudo a partir do momento em que começam a aparecer, um pouco por todo o país, um conjunto de projectos de tipo “Web TV”.

A nível internacional, a expectativa sobre este “novo *media*” não é menor. Veja-se, retroactivamente que, segundo um estudo feito em 2005, a TV na Web tinha pela frente um fortíssimo potencial para crescer. Um estudo então divulgado pela Screen Digest previa que um total de 8,7 milhões de europeus iria subscrever o serviço de televisão através da Internet até 2009, representando 9,4 por cento de um mercado dominado pelas operadoras de cabo e de satélite³.

Ainda no final de 2005, a AOL apostava decididamente na Web TV e investia na distribuição da televisão online. A empresa do grupo Time Warner definia a “Web TV” como prioridade e lançava, para o efeito, uma ‘start-up’ – a Brightcove – apta a desenvolver tecnologia para acelerar o crescimento da televisão online a nível global.

Nos países de cultura francófona, um nome de referência na sociologia dos media, Jean Louis Missika, afirmava a Caroline Gourdin, do La Libre Belgique⁴, a propósito do seu livro *La Fin de la Télévision*: “La télé traditionnelle est en train de s’épuiser, incapable de structurer un débat public, comme on l’a vu lors de la campagne référendaire de 2005. Elle rencontre des limites que ne connaît pas Internet, outil mieux adapté à l’expression de soi, qui ne s’est pas encore déployé socialement”. Para este sociólogo e economista dos media, a televisão clássica, de certa forma, esgotou a indulgência do público, conforme podemos ler numa outra sua entrevista: “(...) Les gens veulent plus de participation et la télévision ne le permet pas. Alors qu’au contraire Internet permet à tout un chacun de pétitionner en un clic ou deux. Entre la désaffection de la télé et la montée en puissance d’Internet, plus personne ne s’intéresse à la même chose au même moment. Le risque, c’est que le débat public se désintègre dans un brouhaha où plus personne ne se rend au rendez-vous de l’agora”⁵.

² COELHO, Pedro (2005) A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público, Lisboa: Livros Horizonte, p. 192.

³ Cf. ‘Utilização de televisão através da Internet vai generalizar-se na Europa em 2009’, TEK, 25.11.2005, <http://tek.sapo.pt/4Q0/623900.html>.

⁴ ‘La fin programmée de la télévision ?’, http://www.lalibre.be/index.php?view=article&art_id=275648, 21.3.2006.

⁵ Jean Louis Missika ao Le Point online, <http://www.lepoint.fr/medias/document.html?did=175200>, consultado em 16.1.2007.

Historicamente, em Portugal, podemos recuar ao final do ano de 2005, de forma a localizarmos os primeiros projectos de Web TV nesse contexto. O primeiro deles, aliás, terá sido o projecto TVNET, que arrancou no final de 2005, curiosamente nos Açores. Cerca de um ano depois, os seus responsáveis lançaram o projecto no continente, estando “no ar” a partir da sua sede em Lisboa precisamente desde o dia 11 de Dezembro de 2006. O Diário de Notícias de 16 de Dezembro de 2005 titulava então, na sua secção de *media*: “Açores lançam televisão nacional através da Net – TV Net é um canal que começa hoje a emitir apenas através da Internet”. E o jornalista Filipe Morais escreveu: “Dos Açores para o resto do País e para o mundo, chega hoje aos monitores nacionais um projecto de televisão electrónica. A TV Net é uma televisão com emissão exclusiva pela Internet e que começou hoje as suas emissões experimentais.”⁶

Simultaneamente, arrancava no norte do país a Famalicão TV. O mesmo jornal, o Diário de Notícias, titulava o acontecimento desta forma: “As televisões que vão ao ‘fim da rua’ na Internet”:

“Tão cedo, Paulo Couto não deverá esquecer a ‘loucura’ do primeiro dia da televisão online de Vila Nova de Famalicão, no distrito de Braga. Já passaram cinco meses e o mentor do projecto ainda se lembra dos rostos ‘apanhados’ pela câmara de filmar e da correria que foi para disponibilizar a informação na Internet, adicionando som e texto. Mas o locutor de rádio diz que o objectivo foi conseguido, pois ‘é preciso que alguém vá ao fim da rua já que as televisões convencionais vão ao fim do mundo’. Paulo Couto foi beber a ideia ao sistema Intranet que disponibiliza informação na montra de uma farmácia. Até avançar com o projecto ‘pioneiro, generalista e de elevada qualidade’ foi um ápice. A 9 de Dezembro de 2005 nascia então ‘a primeira TV regional na Internet’, no sítio <http://www.famalicao.tv> para divulgar notícias do concelho.”⁷

Entretanto, o endereço migraria para <http://www.famatv.pt/webtv/>, mas o essencial é referir que, efectivamente, passados os primeiros anos do lançamento do projecto, este continua a ser dos mais consistentes a nível nacional. Mantém uma atenção muito particular às matérias locais e de “proximidade”, pelo que a sua consolidação tem sido realmente exemplar, designadamente no quadro da comunicação social local.

Provavelmente mais “à nossa medida”, e à medida da realidade do mercado publicitário nacional, chegaram então em 2006 à Internet as televisões locais/regionais,

⁶ O director do canal, André Rodrigues, explicava ao DN que o canal ia ter “muita produção própria, com uma emissão entre as 11.00 e as 22.00”, durante a semana. Na área da informação, teria “actualizações de hora a hora, com o programa Flash News, e às 20.30 (19.30 nos Açores) era emitido o Net Jornal”. Ainda haveria espaço “para uma grande reportagem por semana, uma grande entrevista, além do debate semanal, com duas personalidades da vida política portuguesa, no Net Fire”. Segundo as declarações de André Rodrigues ao DN, tratava-se de “um projecto pioneiro e inovador no país”. Cf. “Açores lançam televisão nacional através da Net”, Diário de Notícias, 16 de Dezembro de 2005.

⁷ Susana Pinheiro Braga, “As televisões que vão ao ‘fim da rua’ na Internet”, Diário de Notícias, 23 de Maio de 2006.

algumas mesmo de âmbito dito ‘nacional’, começando desde logo a multiplicar-se por todo o país. Ao longo de 2006 surgiram mais de duas dezenas de televisões na rede, entre outras: TvViana, FamalicãoTV, AveiroTV, MaltaTV (Guarda), Vale do SousaTV, EspinhoTV, OesteTV, TVBeja, TVAlentejo, PortiTV (Portimão) e ZipTV (Castelo Branco). Na maior parte dos casos, adoptam uma designação regional associada ao acrónimo TV, muita embora as suas emissões, segundo a ERC, “não integrem o conceito de televisão” previsto na lei. Quer isto dizer, desde logo, que se tratava de projectos que não estão, portanto, sujeitos à Lei da Televisão. Uma situação que, curiosamente, desagradava a uma das responsáveis por televisões regionais, Anabela Sá, da OesteTV: “Estamos a tentar pôr no ar um projecto de qualidade e por isso achamos que deveria haver fiscalização”, disse, lamentando ainda a falta de legislação que leva a que “qualquer curioso que produza vídeo possa ter uma televisão digital regional”⁸.

Desde então, em pouco mais de dois anos e concretamente no final do primeiro quadrimestre de 2008, contavam-se já cerca de uma centena de projectos de tipo Web TV online com essas características em Portugal, sendo que alguns eram ainda muito amadores, de acordo com a Base de Dados do investigador Jorge Costa, a fazer tese de mestrado nesta área na FCSH-UNL, com dados actualizados em 21 de Abril de 2008. Numa outra base online, com hiperligações para os diferentes canais, estavam registados 59 canais na mesma altura (22 de Abril de 2008), conforme informação disponibilizada num portal português que recenseia o conjunto de Web TV surgidas no país: <http://www.portalwebtv.info/portalwebtv.html>.

A TVNET distingue-se, à partida, do conjunto das restantes pelo facto de ser a única com perfil generalista e de âmbito “nacional”, sendo as restantes, fundamentalmente, televisões online de tipo local e/ou regional⁹. No entanto, para além dos

⁸ Cf. IrrealTV, Web TV's regionais & etc. (act.), 16/1/2007, <http://irrealtv.blogspot.com/2007/01/web-tvs-regionais-etc.html>.

⁹ Alguns exemplos, para além da generalista “TV Net”: Aveiro TV (Aveiro) – www.aveiro.tv; Beira TV (Castelo Branco) – www.beiratv.pt; Beiras TV – www.beirastv.com; Canal Lagos (Lagos) – www.canallagos.com; Cidade-Online (Vila Nova de Gaia) – www.cidade-online.com; Douro TV (Peso da Régua) – www.dourotv.com; Espinho TV (Espinho) – www.espinhotv.com; Famalicão TV (Vila Nova de Famalicão) – www.famalicao.tv; Guimarães TV (Guimarães) – www.gmrtv.pt; Invicta TV (Porto) – www.invictatv.com; Malta TV (Pinhel) – www.maltatv.net; Media TV (Lagoa) – www.mediatelevisao.com; Minho Actual TV – Televisão Regional do Minho (Ferreiros) – www.minhoactual.tv; Mirandela TV (Mirandela) – <http://www.mirandela.tv>; Loulé TV (Loulé) – www.louletv.pt; Loures TV (Loures) – www.loures.tv; Oeste TV (Bombarral) – www.oeste.tv; PortiTV (Portimão) – www.portitv.com; Porto Canal (Porto) – www.portocanal.com; Região Transmontana (Mirandela) – www.regiaostransmontana.com; RTV Algarve (Almancil) – www.rtv.algarve.pt; Samora Online (Samora Correia) – www.samoraonline.com; TV Alvor de Sintra (Sintra) – <http://tv.alvordesintra.com>; TV Barroso (Montalegre) – www.tvbarroso.com; TV Beja (Beja) – www.tvbeja.com; TV Chãos (Rio Maior) – www.tvchaos.com.sapo.pt; TV Coimbra (Coimbra) – <http://tvcoimbra.com.sapo.pt>; TV Évora (Évora) – www.tvevora.com; TV Horizonte (Angra do Heroísmo) – www.horizonteacores.com/tvhorizonte; TV Poejo (Almodôvar) – www.tvpoejo.com; TV Tejo (Santarém) – www.tvtejo.com; TV Via Oceânica (Angra do Heroísmo) – www.tv.viaoceanica.com; TV Viana (Viana do Castelo) – www.tvviana.com; ValSousa TV (Penafiel) – www.valedosousa.tv; Vila Real TV (Vila Real) – www.vilareal.tv; Viseu TV (Viseu) – <http://www.viseu.tv>; Xira TV (Vila Franca de Xira) – www.xiratv.com; XL Televisão (Espinho) – www.xlradiotelevisao.com; Web TV Nordeste (Bragança) – <http://www.jornalnordeste.com/jornal/webtv.asp>; Zona TV (Porto de Mós) – <http://www.zonatv.org>.

projectos de Web TV com características de “televisão de proximidade”, muitos outros há, designadamente em áreas como o entretenimento, académicas, empresariais, corporativas, associativas, científicas, temáticas, publicitárias, etc.

Há, portanto, uma nova galáxia comunicacional em emergência no nosso sistema “pós-mediático” à qual importa dar o devido relevo, ainda que a qualidade dos seus conteúdos possa não estar amadurecida e não integre ainda, por assim dizer, um plano de “mercado” e bem como o desejado profissionalismo que qualquer projecto de informação nesta área deve ambicionar.

Diga-se, desde já, que numa análise feita em toda a rede de Web TV locais/regionais por Eduardo Cintra Torres, em Abril de 2007, o panorama descrito na introdução ao texto era o seguinte:

“A minha viagem pela Internet à procura de sites televisivos interessantes foi triste e a conclusão terrível: a Internet é uma dádiva da tecnologia que os portugueses não souberam ainda aproveitar para fazer TV. Os conteúdos dos sites são de uma pobreza confrangedora. Sem precisar de um fluxo contínuo como um canal autêntico, os sites televisivos poderiam usar os vídeos para criar dinâmicas locais ou regionais e puxar pela criatividade da sociedade civil. Mas o que se vê é, antes do mais, o presidente da câmara, ou, como diz o PortiTV, uma entrevista ao ‘Sr. Veriador’ (sic).”¹⁰

Eduardo Cintra Torres chamava ainda a atenção para o facto de o nível de actualização dos websites ser muito fraco, havendo inclusive situações em que as notícias de “última hora” tinham já meses. Outros problemas identificados nessa sua viagem ao mundo das Web TV portuguesas:

“Os ecrãs apresentam janelas que não abrem: os serviços não existem. A interactividade com os internautas é apregoada mas nula. Faltam conteúdos e dinamismo. Em vários há uma quase total e perigosa mistura de publicidade e informação: se é a isto que chamam ‘jornalismo dos cidadãos’ então vou ali e já venho. O jornalismo como prática profissional faz muita falta neste universo. (...) Não há política, não há polis, não há debate, não há crítica, não há oposição, tudo são flores positivas com que o poder cobre o manto do espaço público. É a política sem política. É a política do poder papagueada em órgãos de informação. (...) Paradoxo total destes sites: Criados para colmatar a ausência das suas terras nos *media* de âmbito nacional, não obtêm dos concidadãos a mínima participação com vídeos, informações, pistas para reportagens, etc. A maior parte nem sequer tem um grande número de visitas. É o deserto.”¹¹

¹⁰ Eduardo Cintra Torres, “Viagem pela Net profunda”, Público, Digital, Sábado, 14.4.2007.

¹¹ Eduardo Cintra Torres, “O que acaba, o que começa”, Público, P2, 14.4.07.

Num ou noutro projecto, surgem declarações de princípio que dão a entender que há projectos que se propõem integrar o conceito de interactividade de forma mais ousada. É o caso da TV Évora, que aparecia no início de 2007 e era então considerada como “a terceira televisão on-line no Alentejo e a 14.^a em Portugal”¹². Desde logo, nas suas emissões experimentais, procurava oferecer o “melhor do distrito”. Miguel Correia, da Campo dos Média (a mesma empresa iniciou em Março de 2006 as emissões do canal online TV Beja), empresa alentejana de comunicação responsável pelo projecto, explicava, na mesma peça do Jornal de Notícias, que o canal pretendia ser “uma alternativa aos tradicionais órgãos de comunicação social, oferecendo uma nova abordagem comunicativa, muito mais positiva (...) baseando-se em ‘conteúdos por pedido.’” Através deste serviço, que vai funcionar mediante subscrição, esclareceu Miguel Correia, “os emigrantes vão poder ter acesso, por pedido, a imagens e informações de locais específicos ou sobre determinados acontecimentos”.

Seria interessante agora recuar um pouco no tempo e recordar uma outra análise, que decorreu de um estudo por mim coordenado no início do ano 2000, sobre a qualidade e o conteúdo culturais públicos, havendo uma referência aos sites dos *media* públicos. As grandes conclusões que retirámos relativamente ao site da RTP, nesse início de 2000, eram concludentes (refira-se que, segundo António Granado¹³, a RTP foi, aliás, o primeiro meio de comunicação social a registar oficialmente o seu domínio – fê-lo em 28.05.1993 (rtp.pt) e em Novembro de 1995 a RTPi inaugurou a sua página na Internet). Passaram então 15 anos desde que a RTP registou o seu domínio... Em 2000 estávamos então assim¹⁴:

«Na página de abertura, em <http://www.rtp.pt>, podemos aceder às grandes rubricas do site, isto é, Programação, Destaques, Informação em Real Video, Teletexto e Outra Informação, e ainda, por exemplo, ao Regulamento do Festival RTP da Canção ou ao serviço Press Line.

«Em Programação (<http://www.rtp.pt/prog/lyprog.htm>) temos as grelhas diárias da RTP1 e da RTP2 com alguns destaques, bem como a possibilidade de aceder a grelhas dos outros canais da RTP – da semana e das duas semanas seguintes.

«Em Informação em Real Video (<http://www.rtp.pt/telejornal/lytelej.htm>) pode escolher-se o dia da semana em que se pretende ver o Telejornal on-line, ainda que tenhamos tido problemas no acesso nas diferentes consultas realizadas.

¹² “TV Évora inicia hoje emissões na Net”, Jornal de Notícias, 19 de Janeiro de 2007.

¹³ António Granado, “Os media portugueses na Internet”, em <http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm>, 2002.

¹⁴ F. Rui Cádima (Coord.), “Acessibilidade aos Conteúdos Públicos”, Obercom, Lisboa, 2000. Trata-se de um estudo específico que integrou o estudo mais geral intitulado As Indústrias de Conteúdos Culturais em Portugal (coord. Roberto Carneiro), Grupo Fórum, para os Ministérios da Cultura e da Economia, Lisboa, 2000

«Em Outra informação (<http://www.rtp.pt/home.htm>) é possível aceder aos sites dos diferentes canais da RTP, a saber: RTP1, RTP2, RTPi, RTP África, RTP Açores e RTP Madeira, bem como ao site da TV Guia e da RTC. Desta página também se acede a outras iniciativas da empresa, como a promoção de livros e de vídeos RTP comercializados a partir da programação da própria empresa.

«Teletexto (<http://www.rtp.pt/teletexto/gif2/100-01.htm>): a página da RTP disponibiliza ainda, on-line, o serviço de teletexto, com índice de A-Z, sendo possível navegar pelas diferentes rubricas a que o telespectador tem acesso, por norma, em televisores com a função de teletexto. Farmácias de serviço, meteorologia, informação diária, desportiva, informações de ordem geral: Tudo isto pode ser consultado nesta página.

«Também desta última página se acede a (<http://www.rtp.pt/pressline/lypress.htm>) – Press Line, com serviço de última hora, com informação sobre programas em produção, últimas estreias, e outro tipo de informação.

«Para além de uma apreciação estética do site, que denota desde logo pouca homogeneidade global, nesta presença da RTP na net, o grau de interactividade relativamente aos conteúdos é ainda muito reduzido, tendo-se registado ainda impossibilidade técnica de aceder ao Telejornal on-line quando por diversas vezes se pretendeu aceder às principais peças do Telejornal da véspera. Do nosso ponto de vista é precisamente neste âmbito do acesso aos conteúdos televisivos que parece haver uma das maiores lacunas do site, na medida em que ainda não é possível o visionamento de outros programas do arquivo da RTP, arquivo histórico ou mesmo arquivo mais recente, nem tão pouco se abriu ainda a possibilidade de importar ficheiros úteis em regime de e-comm, ou com facilidades para a investigação.»

Sete anos depois, veja-se o comentário de Eduardo Cintra Torres¹⁵ àquele que foi por si considerado como “o melhor site televisivo” na sua pesquisa de Abril de 2007:

“A TVNet é o único projecto com ambições jornalísticas e profissionais, e de âmbito ‘nacional’, mas nota-se amadorismo e inexperiência. Inclui noticiários de hora a hora das 9h às 18h – isto é, tem um fluxo no ecrã, o que a aproxima da TV como a conhecemos. Ao mesmo tempo, dá acesso directo a material de arquivo, como reportagens, noticiários, etc. Este é o melhor site televisivo português com emissão exclusiva pela Internet. Mas não oferece nada a mais que os sites dos canais generalistas.”

Por essa altura, João Fernandes, director da TV Viana, previa uma “verdadeira reformulação nos órgãos de comunicação regionais, com a transformação dos cerca

¹⁵ Eduardo Cintra Torres, “Viagem pela Net profunda”, Público, Digital, Sábado, 14.4.2007.

de 700 jornais locais e regionais actualmente existentes em 50 grupos de comunicação de âmbito multimédia”¹⁶. Um movimento que poderia ser interessante, mas que, visto à distância de um ano, parece não ter produzido resultados condizentes.

Significa isto, após uma análise um pouco mais detalhada de websites dos canais existentes na Web (mas também de websites de canais de televisão generalistas), que, por um lado, há ainda muitas fragilidades no actual modelo existente de Web TV e que, por outro lado, a evolução de sites “televisivos” desde finais dos anos 90 não regista hoje dinâmicas substancialmente diferentes daquelas que seria expectável prever há dez anos, tendo em conta designadamente o modelo que acima se expôs no caso da RTP, claramente insuficiente para a altura, e pensando sobretudo nas novas lógicas colaborativas e participativas em ambiente “web”.

Vejamus então, numa rápida análise, onde falham essas dinâmicas nos sites das televisões generalistas. Referiremos de novo o caso da RTP, que hoje tem um site incomparavelmente mais poderoso, embora permaneçam, no essencial, muitos dos problemas já identificados há oito anos, o que confere a este site uma espécie de “novo riquismo” ciberespacial, com uma frágil afirmação das dimensões da cidadania e de prestação de serviço público, sobretudo em áreas onde a afirmação das suas atribuições e competências são específicas:

1. Uma muito discutível gestão da emissão *broadcast* dos canais em aberto (é habitualmente a RTPN que está online), no plano da sua disponibilização na Net, aparecendo em regra alternativas de tipo VOD.
2. Secundarização da área de vídeo, num movimento contrário ao que se está a observar nos sites dos *media* escritos, onde o acesso aos players e mais recentes ficheiros vídeo ganham destaque na entrada da página web.
3. Na pesquisa feita sobre os conteúdos dos programas do dia, o detalhe é muito insuficiente (por exemplo, numa segunda-feira, durante a tarde, a 21 de Abril de 2008, o site da RTP dava apenas o tema do Prós e Contras da noite, sobre a crise no PSD, mas não avançava nenhum nome dos participantes no programa).
4. Indisponibilidade de sistemas de comunicação interactiva entre os editores e/ou jornalistas e os cidadãos e/ou telespectadores.
5. Reduzida disponibilidade de arquivo em consulta aberta, limitada a um conjunto restrito de programas recentes, ainda que o arquivo do “Em Reportagem” (RTP1) apareça disponível assim como muitas outras peças na área do desporto; mas a indisponibilidade de áreas relativas ao arquivo histórico continua a ser negativa.

¹⁶ Cf. “Televisões regionais online continuam em expansão no Norte do país”, artigo de João Pedro Barros, Público/Local, Porto, 15 de Janeiro de 2007.

Importa então agora sistematizar um conjunto de tópicos fundamentais para o desenho de projectos de Web TV, desde os mais locais, de mais curta proximidade, aos regionais, com uma maior amplitude geográfica:

1. Naturalmente, em primeiro lugar, ter a consciência de que estamos integrados num novo paradigma, a que se vai chamando a Web 2.0, o que implica elevar a interactividade social online a um nível que produz também as suas próprias margens (aqui, importa ponderar não só as literacias tecnológicas e a questão da infoexclusão/inclusão, como ainda o *second level digital-divide*).
2. Perceber que no novo paradigma prevalece em boa parte aquilo a que se pode chamar uma “cultura clip” própria da “geração G” (de Google), o que implica não só perceber as lógicas do hipertexto, como as de um “hyperserial” aberto a todo o ambiente Web e não só ao campo “local/regional” específico do projecto.
3. Aposta na seriedade e independência de um projecto jornalístico, subordinado prioritariamente aos mais profundos interesses (públicos) da comunidade local/regional, à virtude da sociedade civil, à experiência social e à cidadania. Estamos também na emergente era da democracia deliberativa, onde as redes sociais online e offline têm um protagonismo decisivo.
4. O que significa que há um jornalismo por cumprir – e por abrir –, que não está a ser “integrado” pelos projectos de *media* tradicionais, transformados hoje mais num “quarto equívoco” (na expressão de Mário Mesquita) do que num “quarto poder”.
5. Aposta prioritária na imagem vídeo, no arquivo recente e no arquivo mais antigo e na sua interacção/interactividade com os internautas, as associações representativas da comunidade e as redes sociais.
6. Aposta, finalmente, na criatividade e potencialidade de um projecto de web-design, simples e directo, empenhado e participativo, fortemente imbricado na sua “rede social” e “colaborativo”. Em síntese, um projecto alternativo ao modelo “institucional” e “instrumental” dos *media* de massas.

Numa entrevista ao Público, Jeff Jarvis defendia, em particular, o modelo “hiper-localizado” para uma nova experiência democrática na rede e em particular para os novos *media* colaborativos. Dizia Jarvis:

“Na verdade, sinto-me muito optimista sobre o jornalismo. Acho que há grandes oportunidades de crescimento, se redefinirmos as notícias e o jornalismo em termos latos. As estruturas anteriores do jornalismo dependiam dos meios de produção – a imprensa, a torre de emissões. Isso ditava os meios de distribuição e tudo o resto, mas não era isso que definia o jornalismo. O jornalismo é pessoas à procura de coisas que precisam de saber. Acredito que há oportunidades para o jornalismo colaborativo, com mais pessoas envolvidas”.¹⁷

¹⁷“No jornalismo, as boas ideias são do público”, Público, 21.4.08, entrevista de Jeff Jarvis dada aos jornalistas Pedro Ribeiro e João Pedro Pereira.

No fundo, as novas tecnologias associadas aos novos projectos emergentes centrados nas chamadas “redes sociais” online, para se constituírem numa verdadeira era “pós-televisiva”, quer no plano das redes, quer no plano conceptual e de formação interactiva, muito têm ainda a fazer para que se possa chegar a uma Web 2.0 plenamente participativa. Ou melhor, se pensarmos a Web 2.0 como um momento de inflexão na migração para uma Internet como plataforma de forte interacção e participação, bem como para um sistema que potencie a “inteligência colectiva” da rede, então teremos uma ideia mais aproximada da dificuldade na sua consolidação.

O processo será lento. Digamos que a “hiperlocalização” de que falava Jeff Jarvis deve ser uma ambição em ambos os sentidos: No plano da oferta e selecção dos conteúdos e no plano da “imersão” dos internautas nesse novo ciberespaço hiperlocal, quer dizer, no estrito domínio do que verdadeiramente está a acontecer, daquilo que, em última análise, importa. O que não parece ser, definitivamente, do interesse dos media clássicos, em regra mais dependentes da pequena política, do *fait-divers* e da actualidade trágica.

Neste sentido, aquilo que se espera dos novos *media* como as Web TV emergentes será a construção de um modelo de comunicação que se venha a configurar como estruturante na consolidação de um novo projecto da experiência democrática, onde os factores colaborativo e participativo possam reconduzir a esfera da cidadania à dignidade do campo político, num novo contexto, essencialmente “deliberativo”.

Referências bibliográficas

- Barros, João Pedro (2007), ‘Televisões regionais online continuam em expansão no Norte do país’, Público/Local, Porto, 15 de Janeiro.
- Braga, Susana Pinheiro (2006), ‘As televisões que vão ao fim da rua na Internet’, Diário de Notícias, 23 de Maio.
- Cádima, F. Rui (2006), *A Televisão ‘Light’ Rumo ao Digital*, Lisboa: Formalpress.
- Cádima, F. Rui (2000) ‘Os Media Regionais Face à TV Local’, *Observatório 2*: 49-54.
- Cádima, F. Rui (2000) ‘Acessibilidade aos Conteúdos Públicos’, Obercom, Lisboa, 2000, in *As Indústrias de Conteúdos Culturais em Portugal* (Coord.: Roberto Carneiro), Grupo Fórum, para os Ministérios da Cultura e da Economia, Lisboa, 2000.
- Cádima, F. Rui (1999) *Desafios dos Novos Media – A Nova Ordem Política e Comunicacional*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Caranicas, Peter (2006) ‘Donde y cuando quieras - La televisión cruza la frontera hacia plataformas y pantallas alternativas’, TV Latina y WSN INC [<http://www.tvlatina.info/featurescurrent.php?filename=anywhere0706.htm>].
- Cardoso, Gustavo (2006) *Os Media na Sociedade em Rede*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cerf, Vint (2005), ‘Carta ao Committee on Energy and Commerce da U.S. House of Representatives’, 8 de Novembro [<http://googleblog.blogspot.com/2005/11/vint-cerf-speaks-out-on-net-neutrality.html>].
- Coelho, Pedro (2005), *A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Gillmor, Dan (2005) *Nós, os Media*, Lisboa: Editorial Presença.
- Gourdin, Caroline, Entrevista a Jean Louis Missika, ‘La fin programmée de la télévision?’, La Libre Belgique, 21.3.2006 [http://www.lalibre.be/index.php?view=article&art_id=275648].
- Granado, António (2002), ‘Os media portugueses na Internet’ [<http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm>], consultado em 7 de Abril de 2008, sobre uma última actualização de 26 de Novembro de 2005].

- Kerckhove, Derrick de (2002), 'The Internet Enters Television, A Trojan Horse in The Public Mind', The McLuhan Program in Culture and Technology [http://www.mcluhan.utoronto.ca/article_internettelevision.htm].
- Mesquita, Mário (2003) *O Quarto Equívoco – O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*, Coimbra: Minerva Coimbra.
- Missika, Jean-Louis (2006) *La Fin de la télévision*, Paris: Éditions du Seuil.
- Morais, Filipe (2005) 'Açores lançam televisão nacional através da Net', Diário de Notícias, 16 de Dezembro.
- Orgad, Shani (2006) *This Box Was Made for Walking - How will mobile television transform viewers' experience and change advertising?*, Nokia/London School of Economics and Political Science.
- Pereira, João Pedro e Ribeiro, Pedro (2008) Entrevista de Jeff Jarvis, 'No jornalismo, as boas ideias são do público', Público, 21 de Abril.
- Torres, Eduardo Cintra (2007) 'Viagem pela Net profunda', Público, Digital, Sábado, 14 de Abril.
- Torres, Eduardo Cintra (2007) 'O que acaba, o que começa', Público, P2, 14 de Abril.